



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 3, set.-dez. 2018

## BIOGRAFIA EM PROCESSO: SOBRE SÁNCHEZ



## BIOGRAPHY IN PROGRESS: SOBRE SÁNCHEZ

Luan QUEIROZ  
Antonio Marcos PEREIRA

Universidade Federal da Bahia, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 30/10/2018 • APROVADO EM 15/01/2019

---

### Resumo

---

Neste trabalho, tratamos de *Sobre Sánchez*, obra que é ao mesmo tempo a biografia do escritor argentino Néstor Sánchez e a autobiografia de seu biógrafo, Osvaldo Baigorria. Analisamos de que maneira o livro desarticula algumas das características mais consagradas da biografia literária, se estabelecendo como um texto em processo, no qual o biógrafo, longe de configurar-se como uma figura invisibilizada no corpo da biografia, dramatiza o seu papel e os caminhos que o levaram à investigação e escrita da vida de Sánchez na materialidade da própria biografia.

---

### Abstract

---

In this essay, we deal with *Sobre Sánchez*, work that is, at the same time, the biography of the Argentine writer Néstor Sánchez and the autobiography of his biographer, Osvaldo Baigorria. We analyze how the book disarms some of the most conspicuous features of literary biography, establishing itself as a text in process, in which the biographer, far from being a figure invisible in the body of the biography, dramatizes his role and the ways which led to the investigation and writing Sánchez's life, in the materiality of the biography itself

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Biografia literária; Néstor Sánchez; Osvaldo Baigorria; Literatura Argentina.

**KEYWORDS:** Literary biography; Néstor Sánchez; Osvaldo Baigorria; Argentine Literature.

---

## Texto integral

---

A biografia é um gênero impuro. Ao mesmo tempo em que se apoia em documentos e testemunhos verídicos, na tentativa de construir uma verdade sobre o personagem biografado, a biografia só se realiza a partir da narração, da construção de uma trama em que se torna inevitável a mobilização de recursos romanescos, de estratégias da ficção. Nesse sentido, como afirma François Dosse (2015, p.60), “o caráter próprio da biografia consiste em depender de uma indistinção epistemológica”, localizando-se o gênero, portanto, em uma zona de hibridez e de mescla, na qual as suas fronteiras nunca estão claramente delimitadas (AVELAR, 2011, p.139).

No contemporâneo, além dos gêneros autobiográficos “canônicos”, cuja constituição já é atravessada por essa mescla, é possível visualizar uma “abertura à multiplicidade” (ARFUCH, 2010, p.58), representada aqui por uma série de produções (auto)biográficas em que se verifica certo investimento na inovação e no redimensionamento de características já consagradas dos gêneros. Estamos falando de biografias de grupo ou de lugares, de autobiografias em quadrinhos, de ficções biográficas, de biografemas, de antibiografias, enfim, de experimentos que convivem hoje com formas já tradicionais de escrita da experiência vivida, nesse “espaço biográfico” dialógico, interdiscursivo e intertextual no qual coexistem “uma diversidade de gêneros discursivos em torno de posições de sujeito autenticadas por uma existência real” (ARFUCH, 2010, p.131-2).

Uma das experimentações que poderíamos abrigar nesse “espaço biográfico” delimitado por Arfuch (2010) é analisada por Pereira (2013), que a caracteriza como a “tradição processual da biografia literária”. Para compreendermos esta tradição, é fundamental que descrevamos como funciona comumente a construção biográfica.

De maneira geral, os modelos mais canônicos de biografia se assentam no que Pereira (2013) chama de “tradição monumental”. As biografias que pertencem

a essa tradição se constituem como projetos que buscam a exaustão e, nesse sentido, ganham contornos monumentais. São:

[...] livros imensos, em vários casos em muitos volumes, e que nesse processo de explorar minuciosamente o desenrolar da vida em conexão com a obra são, via de regra, contributos importantes ao processo de canonização dos autores (PEREIRA, 2013, p.39).

São textos em que o biógrafo, atuando como um sujeito uno e consciente na manipulação das fontes e do arquivo se pretende o mais invisível possível dentro do texto, num movimento no qual há “a elisão total do trabalho do biógrafo, de suas vicissitudes, de sua materialidade, de seus norteadores para a condução do projeto de edição da massa documental e indiciária frequentada por ele” (PEREIRA, 2013, p.41).

E é justamente nesse ponto em que se localiza a inventividade da tradição processual da biografia literária. Nessas biografias, afinal, longe de configurar-se como uma figura invisibilizada, o biógrafo se introduz na narrativa biográfica, se coloca como parte do problema, não recuando a sua participação apenas para o espaço do paratexto. São biografias contemporâneas marcadas por uma intensa “exposição processual”: pela exploração e descrição dos processos da construção biográfica, dos lugares visitados pelo biógrafo e das pessoas com as quais entrou em contato, assim como das motivações que o levaram a escrever sobre aquela vida.

Nesse sentido, nos propomos a tratar neste artigo de *Sobre Sánchez*, biografia do escritor argentino Néstor Sánchez, escrita pelo também argentino Osvaldo Baigorria. Texto de difícil categorização, dotado de uma inespecificidade genérica, aos moldes dos “frutos estranhos” colhidos por Florencia Garramuño (2014), *Sobre Sánchez* se estabelece, tal qual comenta Yael Tejero (2014), como a confluência de duas vidas: ao mesmo tempo em que funciona como a biografia de Néstor Sánchez, é também, em certa medida, a autobiografia de seu biógrafo, Osvaldo Baigorria.

Analisamos as peculiaridades da obra em contraste com a fatura tradicional da biografia, em especial a já referida tradição monumental, bem como exploramos as particularidades de *Sobre Sánchez* do ponto de vista do método de produção da narrativa (auto) biográfica, identificando as estratégias utilizadas pelo biógrafo para a sua inscrição e a inscrição do processo de escrita da biografia na própria biografia que estamos lendo.

### **Néstor Sánchez e Osvaldo Baigorria: escritura e abandono**

Em uma entrevista para um dossiê sobre Néstor Sánchez publicado pela revista *las ranas* em 2006, Hugo Savino, que havia sido amigo do escritor, vai dizer

que a prosa de Sánchez não se baseava no que acontecia na realidade, e sim no *ritmo* do que acontecia<sup>1</sup>. De fato, a afirmação de Savino parece muito condizente com um movimento presente na obra de Sánchez: a sua relação com o *jazz*, a despreocupação com a trama e o seu sequenciamento e a construção de um jogo experimental que muito afastou o escritor das pretensões comerciais e estilísticas dos autores do *boom*, seus contemporâneos.

Pouco conhecido hoje, ainda que sua obra venha sendo recuperada nos últimos anos, graças, em especial, à ação de seu filho, Claudio, à frente da editora *La Comarca Libros*, Néstor Sánchez foi uma figura ascendente no campo literário argentino entre as décadas de 1960 e 1970. Tendo lançado, em um período curto, que vai de 1966 a 1973, quatro romances (*Nosotros dos*; *El amor, los orsinis y la muerte*; *Siberia Blues*; e *Cómico de la lengua*), sendo que três desses livros foram publicados por uma importante editora, a Sudamericana, Sánchez recebeu resenhas elogiosas de Julio Cortázar e Severo Sarduy, viu suas obras serem traduzidas para o francês pela Gallimard, editora na qual também atuou como leitor, em Paris. Em 1969, o escritor ainda conquistou uma bolsa para atuar na Universidade de Iowa, nos Estados Unidos.

Estamos falando, portanto, de um escritor que pouco a pouco vinha estabelecendo-se no campo literário, ganhando reconhecimento por sua prosa poemática, fortemente influenciada pelo *jazz*, pela cultura popular argentina, pelo tango, em uma composição de experimentações narrativas tão intensas que levaram Cortázar a afirmar, a partir da leitura de *Cómico de la lengua*, que o livro só poderia ser definido “como o reverso de um romance, o reverso de uma realidade narrativa, o reverso de uma escrita usual” (CORTÁZAR, 2001, p.135).

É de se imaginar, então, que diante de um êxito tão meteórico e de uma recepção tão positiva, a carreira de Néstor Sánchez estivesse, nesse momento, só começando. Mas não. A partir de finais da década de 1960, Sánchez, que já estava bastante desencantado com a vida, com a literatura e com o que ele achava ser a proximidade da morte, entra em contato com o Quarto Caminho e com as teorias do mestre espiritual Gurdjieff<sup>2</sup>. A experiência, que desencadeará no escritor uma busca por uma existência mística, o levará a percorrer diferentes partes do mundo: Chile, Peru, Argentina, Venezuela, Itália, Espanha, França.

Para o novo Sánchez, espiritualizado, consciente da “verdade” da vida e animado por uma possibilidade de existência eterna, não havia espaço para a escritura, não havia *motivo* para o fazer literário, que deveria, dessa forma, ser abandonado. Livre da família, do filho, da carreira, do lugar que ocupava enquanto escritor, o novo Sánchez foge, se lança ao mundo, até se estabelecer como um mendigo pelas ruas de Manhattan, onde passa a viver, provavelmente, em uma situação de total precariedade. O seu retorno à Argentina, como um homem frágil e destruído, só se deu quase vinte anos depois, em 1986.

Logo, para a elaboração de uma biografia do escritor, morto em 2003, Osvaldo Baigorria partirá justamente desse momento catártico da vida de Sánchez, o seu abandono, perguntando-se o biógrafo, então, o que teria feito Néstor Sánchez nos anos em que esteve desaparecido; e como o escritor começou a organizar a sua

renúncia à escritura enquanto estava em vias de uma consagração literária (BAIGORRIA, 2012, p.18).

O caminho que leva à tentativa de responder a essas questões é explicitamente apresentado no texto, com um visível e curioso movimento de incorporação da descrição do processo de escrever a biografia na materialidade da própria biografia. E é aí que se instala a inespecificidade de *Sobre Sánchez*. Imprimindo no texto marcas de sua presença e dramatizando a sua própria experiência como biógrafo, Osvaldo Baigorria converte *Sobre Sánchez* na biografia de Néstor Sánchez, mas também na sua própria autobiografia.

Temos em mãos, portanto, esse “fruto estranho”, essa obra indefinível inclusive para o seu autor, que ainda no prefácio, comenta as possibilidades de classificação do projeto. De acordo com Baigorria (2012, p.7, tradução nossa): “[o livro] teve vários [títulos] enquanto atravessava reescritas, novas versões e transformações de gênero, de biografia falida e ensaio colapsado por traços de romance inacabado a pós-autobiografia”.

Possibilidades de classificação que, longe de esclarecer, nos confundem ainda mais. O próprio Baigorria, em entrevista posterior à publicação da primeira edição de *Sobre Sánchez*<sup>3</sup>, comentou como o livro talvez se aproximasse da noção de “autotransbiografia” elaborada pelo escritor Hector Libertella.

É também no prefácio que Baigorria anuncia a estrutura do livro, dividido, segundo o autor, em três partes: “Voodoo Child”, “The Néstor Sánchez Experience” (claras referências à The Jimi Hendrix Experience e à canção *Voodoo Child*, presente no terceiro álbum da banda, *Electric Ladyland*, lançado em 1968<sup>4</sup>) e “Notas al pie”.

Esta última seção do livro nos é particularmente importante porque ela representa, como afirma Julia Musitano (2018, p.3), a parte autorreferencial do texto. Se as notas de rodapé são comumente entendidas como anotações breves colocadas no pé da página, com o propósito de adicionar alguma informação parentética ou suplementar, fazendo parte, portanto, dessa esfera paratextual, em *Sobre Sánchez*, as notas, que se localizam ao final do livro, são extensas, se relacionam à narrativa sobre a vida de Sánchez, mas são, acima de tudo, relatos em primeira pessoa das experiências do próprio biógrafo.

Imaginar as notas de rodapé localizadas no espaço do rodapé, e não no fundo do livro, como a edição nos apresenta, seria, inclusive, uma imagem bastante representativa da tensão e da luta que se desenvolvem em *Sobre Sánchez*: de um lado, no corpo do texto, a narração da vida de Sánchez; do outro lado, pertencentes ao espaço do paratexto, mas não contidas nesse lugar do suplemento, a voz e a vida do biógrafo, que tomam conta do texto, a ponto, em certo sentido, de se mesclar e até sucumbir a narração sobre a vida do biografado.

O que se estabelece, dessa maneira, é um contato, uma negociação, uma mescla. Ou confluência, como preferirá Tejero (2014). Drama que em clave parecida também se manifesta em um dos contos do argentino Rodolfo Walsh, o ótimo *Nota al pie* (seria coincidência?). Nele, León, um tradutor de romances policiais, se suicida, deixando uma carta para Otero, o editor da Casa em que

morava o morto. À medida que a narrativa avança, apresentando a chegada de Otero ao lugar em que encontra o corpo de León, e a sua reação à morte do funcionário, temos, em uma nota de rodapé presente no próprio conto, a carta deixada, na qual aparece uma verdadeira reflexão não apenas sobre os motivos que levaram León ao suicídio, como também sobre a sua relação com a tradução e a maneira como o personagem compreendia o ofício do tradutor – “Necesito hablar del fervor, del fanatismo con que traduje ese libro?”, vai dizer León em determinado momento do texto, para então completar: “Me levantaba tempranísimo y no me interrumpía hasta que me llamaban a comer. Por la mañana trabajaba en borrador, tranquilizándome a cada paso con la idea de que, si era necesario, podría hacer dos, tres, diez borradores” (WALSH, 2008, p.85).

Constrói-se, pois, uma tensão: temos duas narrativas em uma – no corpo do texto, o relato sobre Otero, e na nota de rodapé, a carta de León. Tensão representada por duas manchas gráficas no texto. Manchas que pouco a pouco vão se encontrando: a cada página, a nota vai ficando maior, maior, maior, até que ao final, o relato sobre o tradutor sucumbe a voz do narrador, em um movimento no qual “o efeito da nota de rodapé consome o lugar do corpo do texto” (LABBÉ, 2011, p.1; tradução nossa).

Assim, no conto de Walsh, o tradutor - como também o é o biógrafo -, comumente relegado a um posto secundário, sendo entendido como figura invisível no texto, é alçado ao protagonismo. As notas de rodapé, afinal, longe de um elemento acessório e descartável, se transformam, no texto, em ponto fundamental para a construção da narrativa. Procedimento que também percebemos nas notas de rodapé presentes em *Sobre Sánchez*, nas quais essa esfera autobiográfica que constitui a obra surge de maneira mais evidente.

São principalmente nas notas, afinal, que Baigorria comenta sobre a sua experiência como um imigrante, um sujeito que, como Sánchez, percorreu vários lugares do mundo antes de voltar para casa. Assim como são as notas, também, o espaço no qual Baigorria marca as diferenças entre ele e Sánchez, e a resistência que acaba criando, inclusive física, à continuidade do projeto.

Essa dimensão autobiográfica, porém, não se restringe apenas à essa seção do livro, se estendendo a outros momentos de *Sobre Sánchez*, em passagens em que o biógrafo interrompe a narração da vida de Sánchez, e começa a falar de si mesmo. Serão desvios, como classificará o próprio Baigorria.

Na próxima seção deste artigo trataremos dessas estratégias de inscrição do biógrafo e dos processos de construção da biografia na própria biografia; e analisaremos de que maneira isso afeta a elaboração em *Sobre Sánchez* de uma determinada postura de biógrafo.

## **A exposição processual**

De acordo com Dosse (2015), um dos procedimentos mais frequentes e consagrados na produção de biografias, não apenas as literárias, se dá quando o

biógrafo, apresentando o percurso que ensejou o encontro com o sujeito biografado, expõe a relação entre ambos, e conseqüentemente a si mesmo. Articula-se daí, como afirma o historiador, uma prática na qual o biógrafo insere-se na vida alheia “a ponto de a separação entre autobiografia e biografia quase desaparecer” (DOSSE, 2015, p.100).

Essa declaração dos motivos pessoais e da relação subjetiva com o tema da pesquisa por parte do biógrafo (DOSSE, 2015, p.102), porém, sempre se realizará em um espaço específico, restrito: o prefácio ou as notas de rodapé, o epílogo, uma nota posterior à publicação do livro ou mesmo um texto suplemento que dê conta de analisar o percurso da investigação e os caminhos que levaram à escrita daquela vida. Ao biógrafo, portanto, quando muito, é reservado apenas o espaço do paratexto.

Estratégia que, como vimos, não se materializa em *Sobre Sánchez*. Pelo contrário: mais do que somente a biografia de Néstor Sánchez, caracterizamos a obra de Baigorria como um texto em disputa, no qual o biógrafo, longe de silenciar-se e invisibilizar-se em prol do protagonismo do biografado, se insere na narrativa, dramatizando a sua própria experiência e o processo, muitas vezes doloroso, de escrever sobre a vida do outro.

Parte dessa exposição processual se concretiza no livro a partir da busca do biógrafo por documentos e depoimentos de figuras que rodearam Néstor Sánchez. No texto, surgem entrevistas e informações fornecidas por pessoas como Claudio Sánchez, filho de Néstor, Alfredo Slavutsky, irmão da segunda esposa do escritor, Victoria; Ruth Taiano, terapeuta de Sánchez a partir de 1992, depois que o autor foi diagnosticado com esquizofrenia, além de amigos de Sánchez, como Roberto Raschella, Hugo Savino e Ruy Rodrigues. A cronologia da vida de Sánchez elaborada por Pablo Gianera para a revista *las ranas* também é utilizada pelo biógrafo.

Não apenas os resultados desses encontros aparecem no texto, como também as condições em que ocorreram; em que lugar aconteceram; como o biógrafo teve acesso a essas fontes. Esse movimento é nítido, por exemplo, na descrição que o biógrafo faz da tentativa de entrar em contato com Juan Carlos Copes, na esperança de confirmar se Néstor Sánchez teria atuado ou não como um dançarino profissional de tango nos anos 1950:

De modo que um dos meus primeiros passos na investigação sobre Sánchez foi consultar o célebre bailarino e animador de tango coreográfico argentino [Juan Carlos Copes]. Não foi difícil: pela *internet*, me veio seu número de telefone, liguei para ele uma manhã dessas e ele me atendeu. O difícil, ou melhor, impossível foi conseguir uma entrevista mais extensa, conversar com ele pessoalmente. Juan Carlos Copes só aceitou um breve *ping pong* telefônico (BAIGORRIA, 2012, p.13; tradução nossa).

E, também, o contato de Baigorria com a escritora e professora universitária argentina Tamara Kamenzain:

Cheguei a Alfredo por recomendação de Tamara Kamenszain. Tínhamos nos encontrado com Tamara no café *El Galeón* em frente ao Jardim Botânico para falar de uma das primeiras versões de meu livro sobre Sánchez, no qual ela encontrou defeitos de fabricação, ausências e alguns elementos faltantes. (BAIGORRIA, 2012, p.19; tradução nossa)

Pensamos que os comentários do biógrafo sobre os bastidores e as circunstâncias desses encontros ajudam, inclusive, a construir uma imagem desses entrevistados e da relação que eles mantinham com Néstor Sánchez. Juan Carlos Copes, por exemplo, ao negar-se a uma entrevista mais extensa e frente a frente com o biógrafo, assume uma postura esnobe, que se mescla também a certo rancor, justificado na posterior entrevista. Nela, Copes revela que em 1958 escolheu dez dançarinos para fazer parte do Conjunto Juvenil de Tango Moderno, e dentre eles estava Sánchez, que recusou o convite: “Largou tudo aquilo, começou a se dedicar a outra coisa. Talvez à literatura”, afirma, ainda um tanto amargurado, o coreógrafo.

Já Tamara Kamenszain assume a autoridade que a posição de influente escritora e professora acadêmica lhe confere para lançar críticas e apontar defeitos e ausências à construção do livro. É ela, inclusive, que recomenda a Baigorria a leitura de *Sobre Giannuzzi* de Sergio Chejfec, obra que reúne dois ensaios sobre o poeta Joaquín Giannuzzi. Ao ouvir Kamenszain comentar sobre o livro de Chéjfec, Baigorria se convence de que seu próprio livro, a biografia de Néstor, se chamará *Sobre Sánchez*.

Assumindo o lugar de “um biógrafo que constrói um biografado à sua imagem e semelhança e que deixa que sua própria literatura entre sem pedir licença na vida do outro” (MUSITANO, 2018, p.3; tradução nossa), Baigorria se questiona, em determinado momento do livro, se não estaria projetando seus próprios fantasmas sobre os buracos negros que deixa o rastro de uma vida passada (BAIGORRIA, 2012, p.25).

Procedimento que o biógrafo realiza quando, por exemplo, decide supor o que teria feito Néstor Sánchez nos anos em que esteve desaparecido tomando como base elementos de sua própria experiência. Ou seja: assim como Sánchez, Baigorria também foi um sujeito à deriva, um *outsider*, um nômade, percorrendo várias partes do mundo, quase sempre em uma situação de total precariedade. Tentando, dessa maneira, lidar com a falta de algumas informações do arquivo e com o material que não é fornecido pelas fontes, é comum que o biógrafo especule sobre o modo de vida de Sánchez no exterior partindo da sua própria experiência como um sujeito nômade, imigrante, à deriva.

Para reconstituir a entrada de Sánchez nos países para os quais viajou, por exemplo, Baigorria nos informa primeiramente como ocorreu a sua entrada nesses mesmos lugares em sua época de viajante:



Eu levava 700 dólares que havia economizado do trabalho realizado durante todo o ano como artesão [...] e também possuía uma carteira da Associação de Jornalistas de Buenos Aires, além de um papel timbrado por uma editora já desaparecida, com uma assinatura qualquer, que me designava correspondente nos Estados Unidos (BAIGORRIA, 2012, p. 93)

E então supõe como Sánchez teria entrado nos Estados Unidos na década de 1970: “Não sei como terá feito Néstor Sánchez para entrar, [...], mas suponho que ele teria economizado algum dinheiro de seus trabalhos na Europa e possuía algum tipo de visto de trabalho na França” (BAIGORRIA, 2012, p.94; tradução nossa).

Suposições, especulações, declaração sobre as mudanças de rota pelas quais passou o projeto. Índícios que nos levam a pensar na instabilidade que caracteriza *Sobre Sánchez* e na curiosa posição em que se coloca Osvaldo Baigorria como biógrafo. O que enxergamos, afinal, em *Sobre Sánchez* é uma consciência da precariedade do livro e uma renúncia à pretensão de totalidade e exaustão.

Expliquemo-nos: à maneira clássica, o papel do biógrafo, como dirá Richard Holmes em *Seguindo viagem*, seria o de “integrar as facetas de seu objeto até que ele se torne o homem autoidentificado que os outros conheceram, amaram e de que se lembravam” (HOLMES, 1991, p.318). Noção que implica necessariamente em uma visão totalizante do sujeito, e cujo produto será quase sempre um retrato monumental do biografado.

Em *Sobre Sánchez*, o que percebemos, afinal, é a “captura da personagem literária pela ênfase no aspecto eloquente e no recorte explicitado” (PEREIRA, 2013, p.42). O Néstor Sánchez construído por Baigorria é um sujeito esfacelado, fragmentado, contraditório, atravessado pelas experiências e inquietações de seu próprio biógrafo. Assumindo como mantra que “a biografia é um gênero trapaceiro, pois não se pode escrever sobre uma vida – a menos que ela seja tocada por cima, como se estivéssemos improvisando” (BAIGORRIA, 2012, p.20-1; tradução nossa), Osvaldo Baigorria nos oferece uma biografia parcial, na qual a vida de Sánchez é recuperada “a partir de anedotas e testemunhos expostos, providos de dúvidas e incertezas com o fim de abandonar a pretensão de uma verdade objetiva” (TEJERO, 2014, p.5; tradução nossa).

Uma questão, porém, se coloca: trabalhando com o período menos documentado da vida de Sánchez, até que ponto a elaboração dessa biografia parcial é, de fato, consequência da ausência de um arquivo rico e coeso? Solidarizando-nos com a perspectiva adotada por Musitano (2018), o que enxergamos em Baigorria é a figura de um biógrafo preguiçoso, pouco disposto a contornar as lacunas deixadas pelas fontes, e explorar outros pontos de vista e outros lugares que talvez oferecessem respostas mais sólidas para as perguntas deixadas pelo passado de Sánchez.

Assumindo essa posição, no entanto, Baigorria acaba potencializando e problematizando questões ignoradas pela tradição monumental da biografia literária, e que aqui, em *Sobre Sánchez*, se transformam em zonas de discussão e de análise: *o arquivo, o biógrafo, o personagem*.

Alinhado a essa imagem do biógrafo preguiçoso, Baigorria também se constrói como o biógrafo não ideal, aquele que antes de ingressar no projeto de escrever sobre a vida de Néstor Sánchez, não havia lido uma só palavra escrita pelo argentino, com exceção de uma entrevista concedida por Sánchez, em 1984, à revista *Cerdos e Peces*, na qual trabalhava Baigorria (BAIGORRIA, 2012, p.84). Como descobrirá o biógrafo posteriormente, no entanto, a foto que acompanhava a entrevista não era de Néstor Sánchez, tendo sido o primeiro contato entre os dois, dessa forma, realizado a partir de um referente falso.

Isso é particularmente importante porque nos revela que a relação entre os dois – biógrafo e biografado – vai se desenvolvendo, pouco a pouco, no momento mesmo em que a biografia está sendo escrita, não tendo havido anteriormente nenhuma motivação pessoal por parte de Baigorria que justificasse o seu interesse por Sánchez. *Sobre Sánchez*, dessa forma, se instala para o biógrafo como uma experiência de conhecimento do outro, mas também de autoconhecimento. Um pouco como o efeito obtido pelo Quarto Caminho no próprio Sánchez.

O que, porém, se inicia com uma curiosidade e uma vontade de escritura, logo se converte em tragédia. Como falará o biógrafo, a investigação sobre Sánchez lhe custará uma série de perdas: de dinheiro, de trabalho, de sentido, de terra firme, de saúde (também mental) (BAIGORRIA, 2012, p.11). A escrita do livro, afinal, esgota o biógrafo, o leva a querer abandonar o projeto, que ele passa a caracterizar como “matador”. Desenha-se, portanto, a imagem de um biógrafo em desgraça, que se entende como um perdedor, um sujeito que ao embarcar na missão de escrever sobre a vida do outro, só se vê diante de fracassos.

Fracasso representado, ao final, pela fala de Cecilia Scribens, mulher que acompanhou Sánchez durante boa parte do período em que ele esteve nos Estados Unidos, e que através de um *e-mail* seco responde a Baigorria que não pode ajudá-lo com as informações sobre a vida que Sánchez levava no exterior, já que compartilha das razões pelas quais o escritor argentino guardou silêncio sobre a sua vida (BAIGORRIA, 2012, p.161). Ao biógrafo restará, então, como dirá, mais uma vez, Musitano (2018, p.7), “brincar com o naufrágio e seguir remando”, construindo uma biografia à sua maneira, na qual “a própria busca já começa a ser resultado e o caminho, destino” (BAIGORRIA, 2012, p.29; tradução nossa).

## Notas

<sup>1</sup> O dossiê sobre Néstor Sánchez se encontra na terceira edição da revista argentina *las ranas*, publicada em 2006. O referido depoimento de Hugo Savino é parte do artigo *El cantar de Néstor Sánchez*, assinado por Guillermo Saavedro.

<sup>2</sup> Mestre espiritual de origem armênia, George Ivanovitch Gurdjieff foi o principal responsável pela divulgação no Ocidente dos conteúdos e técnicas de um método espiritual de autoconhecimento e autotransformação chamado “Quarto Caminho”. De acordo com o próprio Néstor Sánchez, seu primeiro contato com a obra de Gurdieff veio a partir da leitura da primeira frase de *Psicología de la posible evolución del hombre*, de Pedro Ouspensky, um dos

discípulos do guru armênio: “El hombre puede sacrificarlo todo, menos su sufrimiento” (RICARDO e SÁNCHEZ, 2014, p.21).

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Osvaldo Baigorria a Mariano Vespa, em novembro de 2013. Disponível em: < <http://www.niapalos.org/?p=12943> >. Acesso em 25 out. 2018.

<sup>4</sup> As referências presentes nos títulos das duas primeiras partes do livro revelam uma dimensão em Sobre Sánchez que decidimos não discutir neste artigo, mas que, certamente, merece atenção em próximos trabalhos: a construção de uma distinção geracional entre o biógrafo, ligado à cultura hippie da década de 1960, e fanático pela produção de artistas como Hendrix; e o biografado, pertencente à geração anterior, caracterizada por Baigorria como a geração “tanguera”.

---

## Referências

---

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. – Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

AVELAR, Alexandre. Figurações da escrita biográfica. *ArtCultura*, v.13, nº22, p.137-155, 2011, Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/14021/7987>>. Acesso em 01 ago. 2018.

BAIGORRIA, Osvaldo. *Sobre Sánchez*. 1ª edição. Campo Real. Buenos Aires: Mansalva, 2012.

CORTÁZAR, Julio. *Obra crítica III*. Organização de Saúl Sosnowski. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. – 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Tradução de Carlos Nougué. – Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HOLMES, Richard. *Seguindo viagem*. Um biógrafo romântico na trilha de Stevenson, Wollstonecraft, Shelley e Nerval. – Rio de Janeiro: Globo, 1991.

LABBÉ, Carlos. “Nota al pie”: transferencia con un cuento de Rodolfo Walsh. *Istmo. Revista de Literatura & Psicoanálisis*. 2011. Disponível em: <<http://letras.mysite.com/cl101111.html> >. Acesso em 18 jul. 2018.

MUSITANO, Julia. Sobre Sánchez, una biografía perezosa. *Orbis Tertius*, v.23, 2018. Disponível em: < <https://www.orbistertius.unlp.edu.ar/article/view/OTe078/9493> >. Acesso em 20 jul. 2018.

PEREIRA, Antonio Marcos. Biografia literária: duas tradições. *Outra Travessia*, v.1, p.37-48, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2012n14p37>> Acesso em: 07 dez. 2017.

RICARDO, Carlos; SÁNCHEZ, Néstor. *El drama sin atenuantes*. Conversaciones de Néstor Sánchez y Carlos Ricardo. 1ª ed. Buenos Aires: Letranómada, 2012, 72p.

TEJERO, Yael Natalia. Sobre Osvaldo Baigorria (en busca de Néstor Sánchez). *Anales del III Coloquio Internacional [Escrituras del yo]* – Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria – Rosario, 2014. Disponível em: <[www.celarg.org/int/arch.../tejeroyosovitch\\_edy2014.pdf](http://www.celarg.org/int/arch.../tejeroyosovitch_edy2014.pdf)> Acesso em 07 dez. 2017.

WALSH, Rodolfo. Nota al pie. In: *Un kilo de oro*. 5ª ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2008, p.69-96.

---

### Para citar este artigo

---

QUEIROZ, Luan; PEREIRA, Antonio Marcos. Biografia em processo: sobre Sánchez. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 3, p. 576-587, set.-dez. 2018.

---

### Os autores

---

**Luan Queiroz** é graduado em Letras Vernáculas e Espanhol pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desde 2014, como pesquisador do NEG(A) – Núcleo de estudos dos gêneros autobiográficos, tem trabalhado com questões ligadas à biografia literária e a experimentações no espaço biográfico contemporâneo.

**Antonio Marcos Pereira** é professor do Departamento de Letras Vernáculas, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. É coordenador do NEG(A) - Núcleo de estudos dos gêneros autobiográficos.